

FALO

ano 1 . # 5

DAVID J. VANDERPOOL

LEANDRO TUPAN

ROGER ROSEN

Keith Haring

A história da camisinha

O culto ao falo

BLUE EDITION



#PelaArteLivre



#PelosDireitosCivis



#PelaLiberdade
DeExpressão



#PelaIgualdadeSocial



#PelaLiberdadeDeSer



#PelaResiliência



#PeloCorpoLivre



#PeloDireitoDe
AmarmosQuem
Quisermos



#PeloDireitoDe
Existência



#ArtePelaDemocracia



#PorMenos
Intolerância



#PeloDireitoDa
LivreSexualidade

Editorial | *Blue Edition*

Após a matéria da última edição com depoimentos masculinos sobre a imagem corporal, ficou claro pra mim o potencial dessa revista para ser uma plataforma de resistência, uma voz no silêncio causado pelo medo, uma luz na escuridão da obtusidade. Então, essa edição é mais do que especial: é a última do ano e sai no Mês de Combate ao Câncer de Próstata! A *BLUE EDITION* vem para celebrar o falo como arte, como amuleto, como ato político!

E você já viu que abrimos (e fechamos) essa edição com as folhas de guarda* do projeto *Contra o Fascismo serei Resistência*, do artista Chris, The Red, um manifesto político em reação ao drama que vivemos no Brasil, algo que vai além da eleição pontual de um governante e revela um lado preocupante daqueles mais próximos de nós.

Inaugura-se aqui também duas novas sessões, a *Falocampse* – que trará assuntos que tangenciam o universo masculino para além da arte com o jornalista André Guimarães – e a *Falatório* – onde o fotógrafo Guilherme Corrêa (da terceira edição) convida outros artistas para refletirem sobre suas fotos. O nome da primeira coluna nova pode parecer esquisito, mas é tão pertinentes! Leia seu significado ao fim da coluna.

Não sei se você percebeu, mas essa edição deixa de ter dois artistas para ter TRÊS! Sim, a partir de agora a ideia é contar com mais arte! Nessa edição temos David J. Vanderpool, Leandro Tupan e Roger Ro-

sen, todos com discursos semelhantes sobre a perseverança da arte, sobre os obstáculos que a vida traz.

Minha coluna falorrágica traz inúmeras celebrações em torno do falo, mostrando quando exatamente nós viramos uma sociedade falocêntrica. O *Especial* traz novamente poesia, e, na *Falo de História*, conheça o visionário Keith Haring que extrapolou as fronteiras da arte. Ele desenvolveu uma linguagem popular e ativista em combate ao HIV com o objetivo da arte ser para todos.

Já que estamos celebrando, não posso deixar de citar o mundo de pessoas incríveis que conheci ao longo desse ano: Ed, Wim, Thierry, Kinder, David, Roger, Omer, Janssem, Guilherme, Andrew, Leandro, Adão, Allan, Juliano, Chris, André, Rafa, Marco, Umberto, a equipe do Papo de Homem, os mais de 600 seguidores no Instagram e 160 no Facebook..., todos vocês que acreditaram no projeto e continuam dando força mesmo quando nadamos contra uma tsunami. Agradeço a cada um que entendeu a urgência dessa revista e me permitiu aprender mais sobre a arte e sobre mim mesmo. Agradeço também àqueles que foram contra, que reportaram fotos, que ignoraram e-mails ou disseram que não tinham interesse, pois eles me desafiaram, me fizeram pensar, driblar e encontrar melhores soluções.

A todos vocês, um muito obrigado com um abraço bem apertado. Ano que vem tem muito, mas muito mais!

Filipe Chagas, editor

David Vanderpool

6

Leandro Tupan

14

Roger Rosen

24

FALO DE HISTÓRIA
Keith Haring

34

FALO EM FOCO

45

FALATÓRIO

46

ESPECIAL
Erotismo proibido nos lábios

48

FALOCAMPSE
A história da camisinha

50

FALORRAGIA
O culto ao falo

60

moNUmento

67

**FALO® é uma publicação bimestral.
novembro 2018.**

edição, redação e design: Filipe Chagas

capa: Mehadi, grafite sobre papel de David J. Vanderpool

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a representação da masculinidade na Arte. Há, portanto, imagens de nus masculinos, incluindo imagens de genitália masculina. Consulte com precaução caso sinta-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

* Folhas de Guarda servem para unir a capa dura ao corpo do livro e também para protegê-lo.

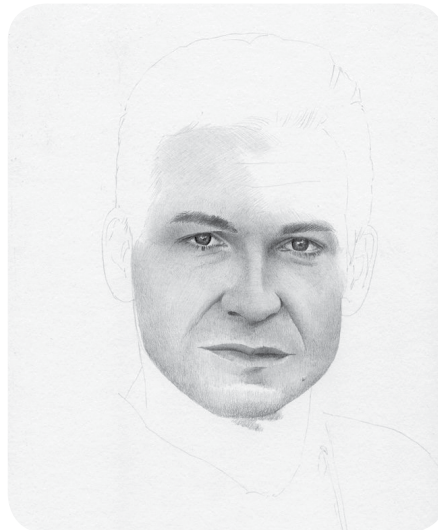
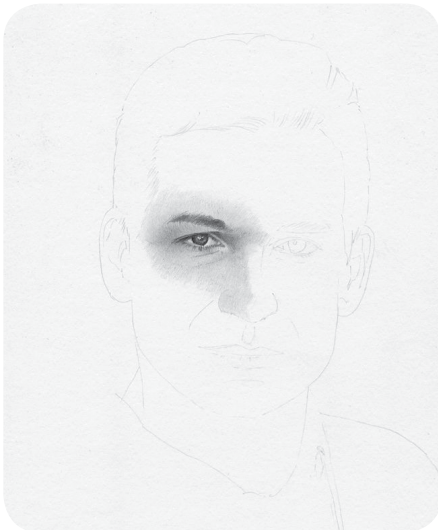


David J. Vanderpool

David J. Vanderpool acredita que o desenho é uma das primeiras habilidades que as crianças aprendem e uma de suas primeiras experiências em aceitação e reconhecimento, pois, através dele, é possível amadurecer. Foi assim que se encontrou durante a adolescência na Califórnia e aprendeu que, em sua última tentativa, ainda poderia “seguir em frente e melhorar”.

Seu estilo em grafite é bem realista e figurativo, quase fotográfico. Usa lápis suaves para fazer linhas finas sobre o grafite mais escuro, garantindo mais controle sobre a mistura. Portanto, para sombrear, prefere hachuras ao uso de esfuminho para “sujar o grafite”, pois acredita que consegue sombras mais profundas, enquanto a ferramenta “achata” o desenho e o impede de “saltar da página”.

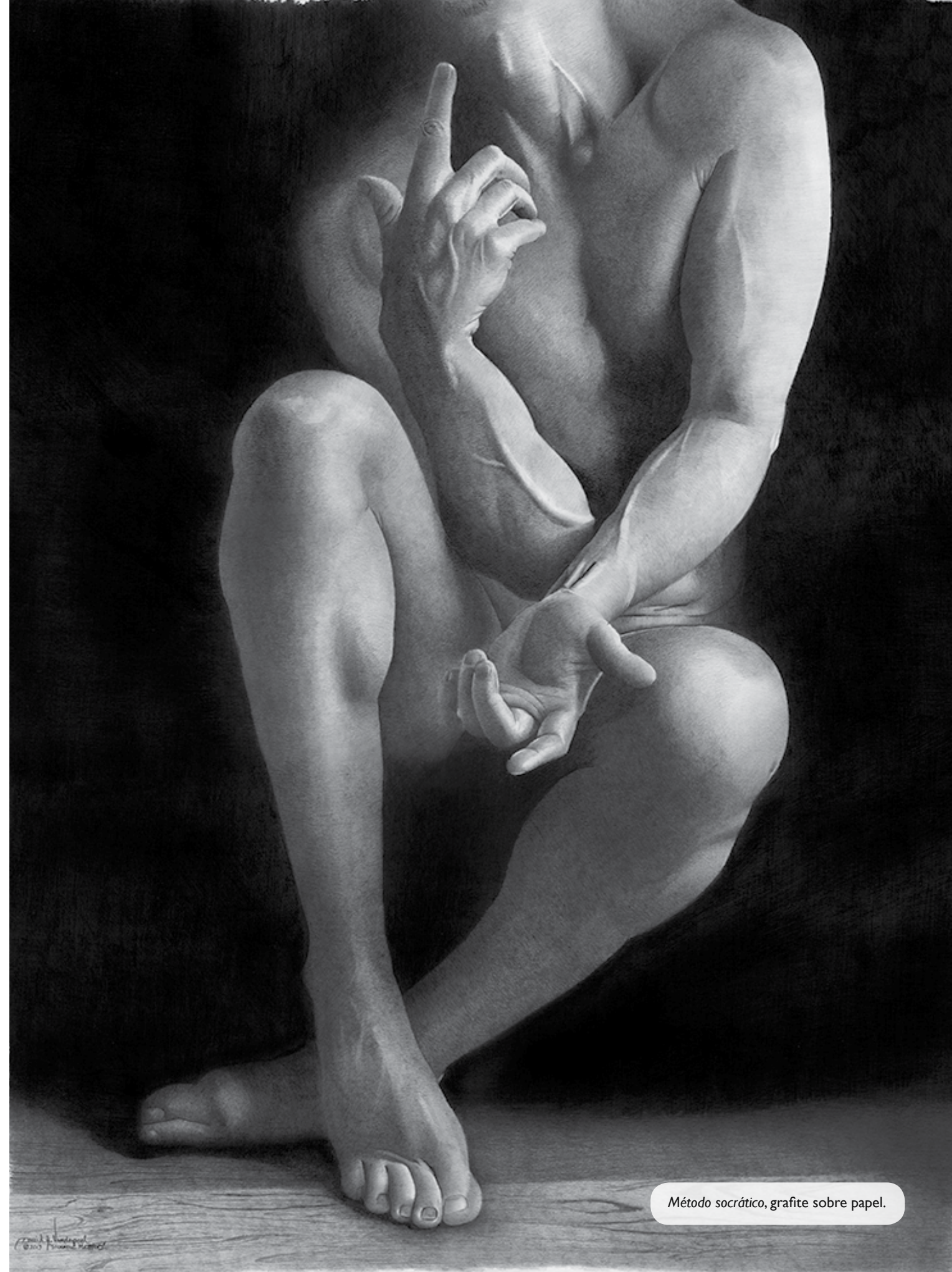
Evolução de retrato de Clyde, grafite sobre papel.



8

E “dar vida” ao desenho tornou-se pelo que ele é conhecido, seja em modelos amigos ou de internet. De modelos femininos, curte a beleza e a suavidade das curvas, enquanto dos masculinos se interessa pela força que parece evocar a arte clássica:

Não há limite para o que eu aprecio na figura masculina. Às vezes podem ser mãos ou pés que eu quero desenhar por causa do desafio, ou simplesmente a beleza em seus rostos. E, às vezes, é a forma elegante ou a posição graciosa de um pênis. Tudo depende da emoção que estou conseguindo em um desenho.



Método socrático, grafite sobre papel.

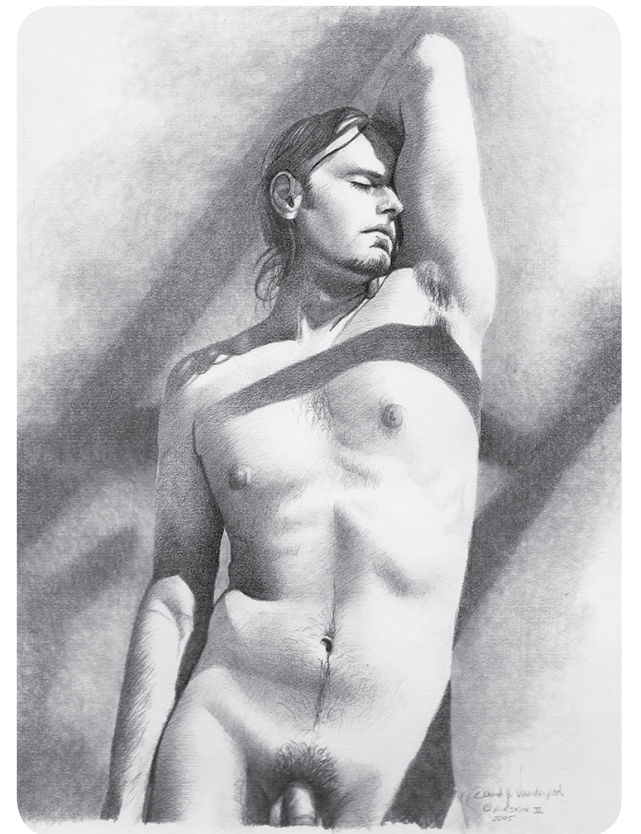


Stephen, grafite sobre papel.

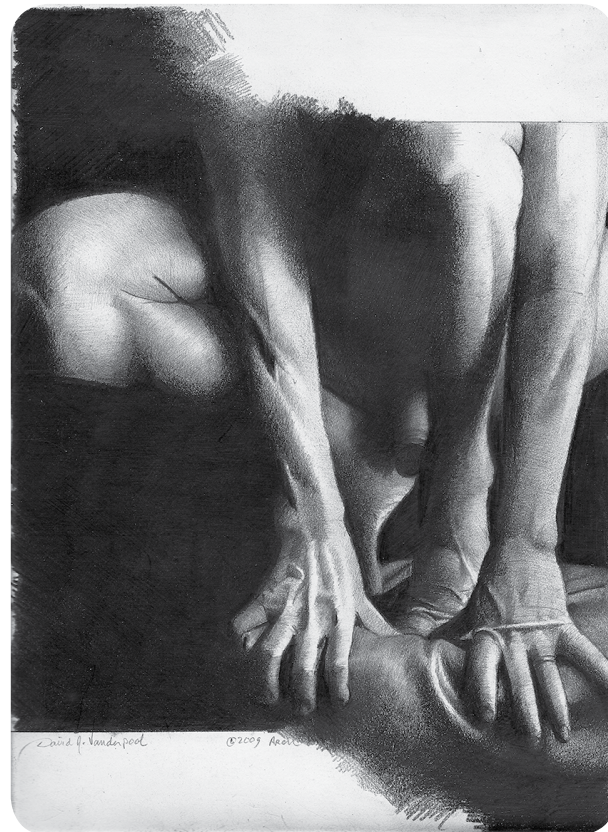
Whatever II, grafite sobre papel.



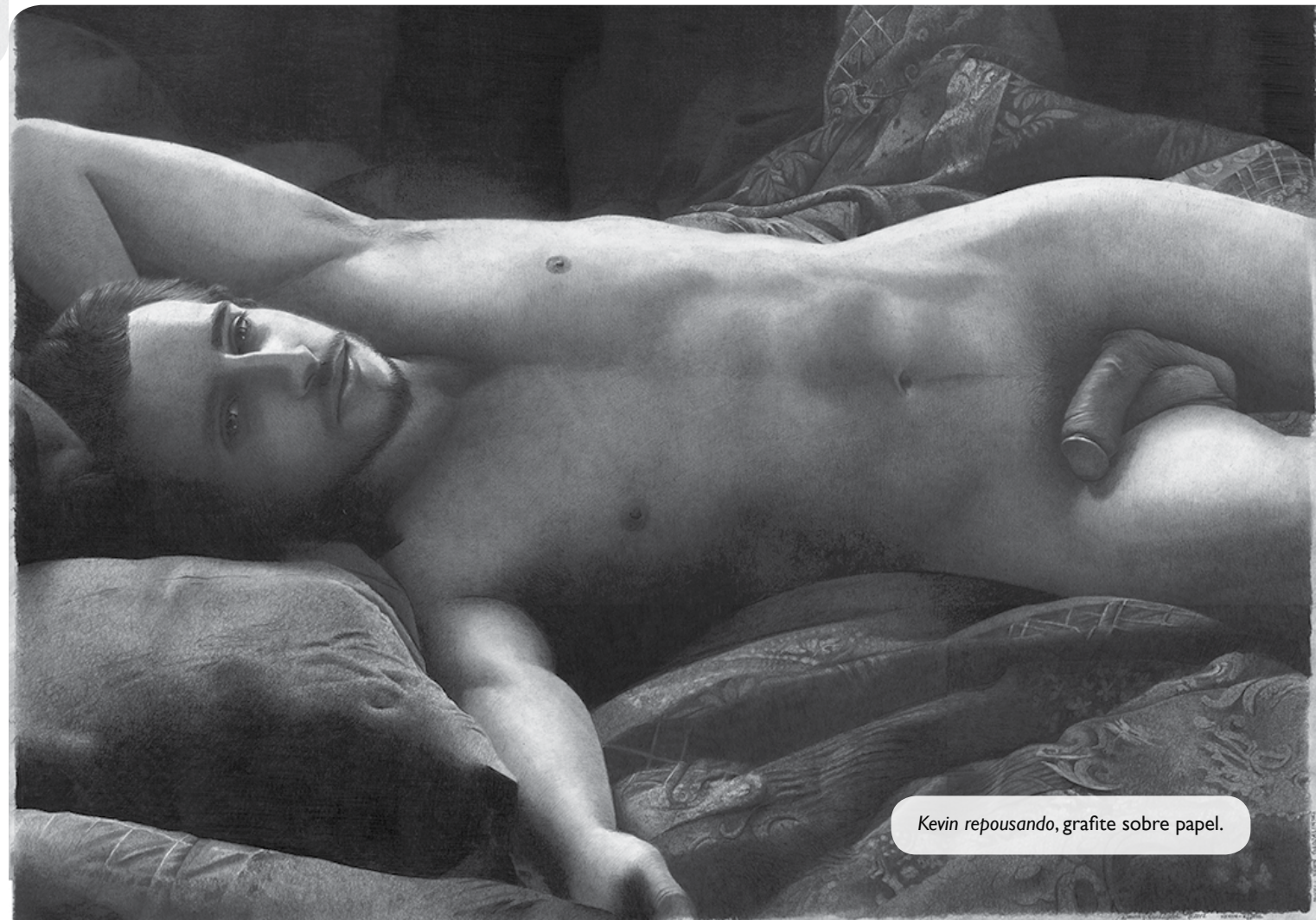
Airskin II, grafite sobre papel.



Gregg, grafite sobre papel.



Aaron, grafite sobre papel.



Kevin repousando, grafite sobre papel.



12

Acima: *Tatuagens*, grafite sobre papel.
Abaixo, o artista fazendo a obra.

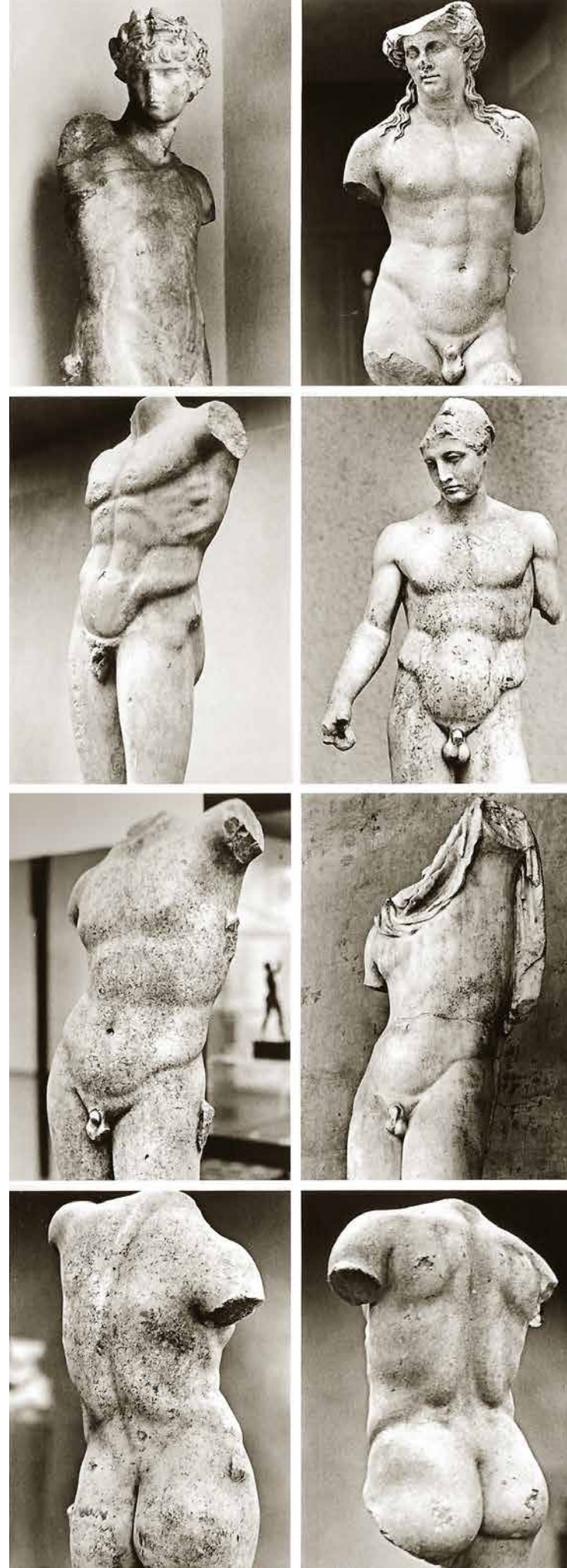


Para David, o nu frontal funciona melhor quando não barreiras ocultas, quando a pose é capaz de capturar uma emoção sem ofender o espectador ou ser pensada para atrair todo o tipo de público. Apesar de nunca ter desenhado uma ereção, percebe que seus modelos estão mais abertos e disponíveis em poses relaxadas e descontraídas.

Sempre agradece a todos que param para contemplar seus desenhos como forma de arte, pois acredita que o nu masculino ainda não tem uma boa recepção e, por essa razão, tem trabalhado muito mais a partir de fotografias de pessoas de outros continentes:

Até mesmo os amigos que pedem para que eu os desenhe nus não mostram minha arte com medo do que as pessoas pensarão. Até hoje não consegui expor meus nus em uma galeria.

David, então, vende suas obras para colecionadores de todo o mundo. Além de ser assistente de marketing, David já foi premiado como artista e sabe que o mais importante é apreciar o que faz, não importam os obstáculos. **8=D**



Cirurgia plástica para você!



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

21 97395 8000 Leblon – Rio de Janeiro
alcemarmaiasouto@gmail.com



Leandro Tupan

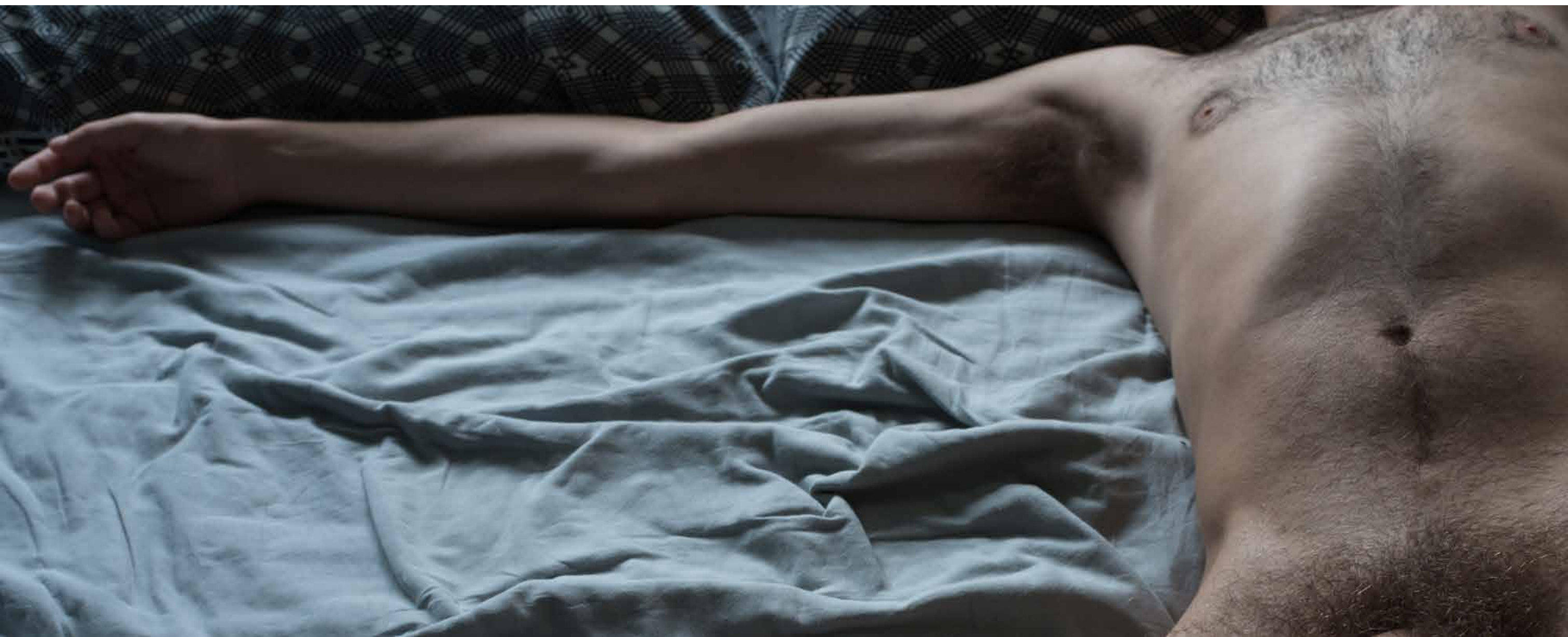
Em construção. Essa é a expressão que mais se repete no discurso do fotógrafo Leandro Tupan e precisa ser entendido como uma lição.

É possível que sua formação em Arquitetura o tenha feito desenvolver esse pensamento sobre seu trabalho, pois foi ela que o levou à fotografia. Durante um estágio na biblioteca da FAUUSP, teve a oportunidade de se debruçar sobre livros e revistas de fotografia e acabou atuando na área de conservação-restauração fotográfica.



Somente há cerca de três anos, a partir das experimentações com impressões em processos fotográficos históricos, começou a pensar na fotografia como um processo de reflexão e expressão artística sobre o corpo, não somente associado ao sexo e ao desejo por outros homens, mas também à sua identidade, ao tempo e à finitude, temas centrais em sua produção. Isso coincidiu com um período de crise pessoal, quando vivenciou uma mudança na dinâmica de seus relacionamentos afetivos ao mesmo tempo que acompanhou as transformações do corpo de seu pai até seu falecimento.

Comecei a produzir retratos como uma maneira de conhecer os corpos dos meus parceiros, de percorrer pele, músculos, pelos, cicatrizes e histórias, de reter na memória imagens e sensações. Aos poucos a prática dessa fotografia foi ganhando força e autonomia e passou a acontecer a partir de sessões com roteiros ou elementos pré-definidos. Assim, os novos ensaios aconteceram em outro contexto, onde o contato sexual não era mais o ponto de partida ou a forma de aproximação.





Em sua busca (ou seria melhor dizer construção?), descobriu John Dugdale, artista estadounidense que, em decorrência do HIV, começou a perder a visão na década de 1990 até ficar cego em 2010, e, durante esse período, passou a utilizar de processos fotográficos do século XIX (em especial, a cianotipia) para apresentar elementos autobiográficos numa produção de imagens que mesclam sonho, morte, desejo e poesia. Os corpos masculinos escultóricos nas fotografias de George Dureau e Robert Mapplethorpe se tornaram outra referência, em contraponto com os retratos de Arno Rafael Minkinen e John Coplans, que ressignificam o corpo como espaço, forma, continente e paisagem em si.

Toda essa pesquisa o levou a observar mais detidamente como o corpo é abordado no trabalho dos brasileiros Gal Oppido, Lia Chaia, Mário Cravo Neto, Chris Bierrenbach, e de outros artistas visuais, bem como em outras linguagens artísticas, como de performers que usam seu próprio corpo como instrumento e mensagem. Nesse percurso, se colocou como corpo-agente para outros artistas ao fazer a formação oferecida pela Escola de Modelo Vivo, de Juliano Hollivier, e posar como modelo em ateliês e cursos de desenho.

Tendo as redes sociais como veículo importante de informação e divulgação, Leandro alerta para a censura, e, nessa direção, aponta que as redes sociais também modificam processos relacionados à criação artística, ao circuito das artes e à legitimação do que é arte e do que não é reconhecido como arte:

Ainda é complicado abordar o sexo e o desejo homoerótico nesses espaços. Mesmo com a censura sobre o corpo nu e os discursos de ódio, as redes sociais são muito importantes para o reconhecimento e fortalecimento de grupos que sempre foram silenciados pelas mídias tradicionais, e precisam ser ocupadas para dar visibilidade a outras narrativas, que ajudam a criar outros circuitos, contatos e espaços, não somente virtuais.

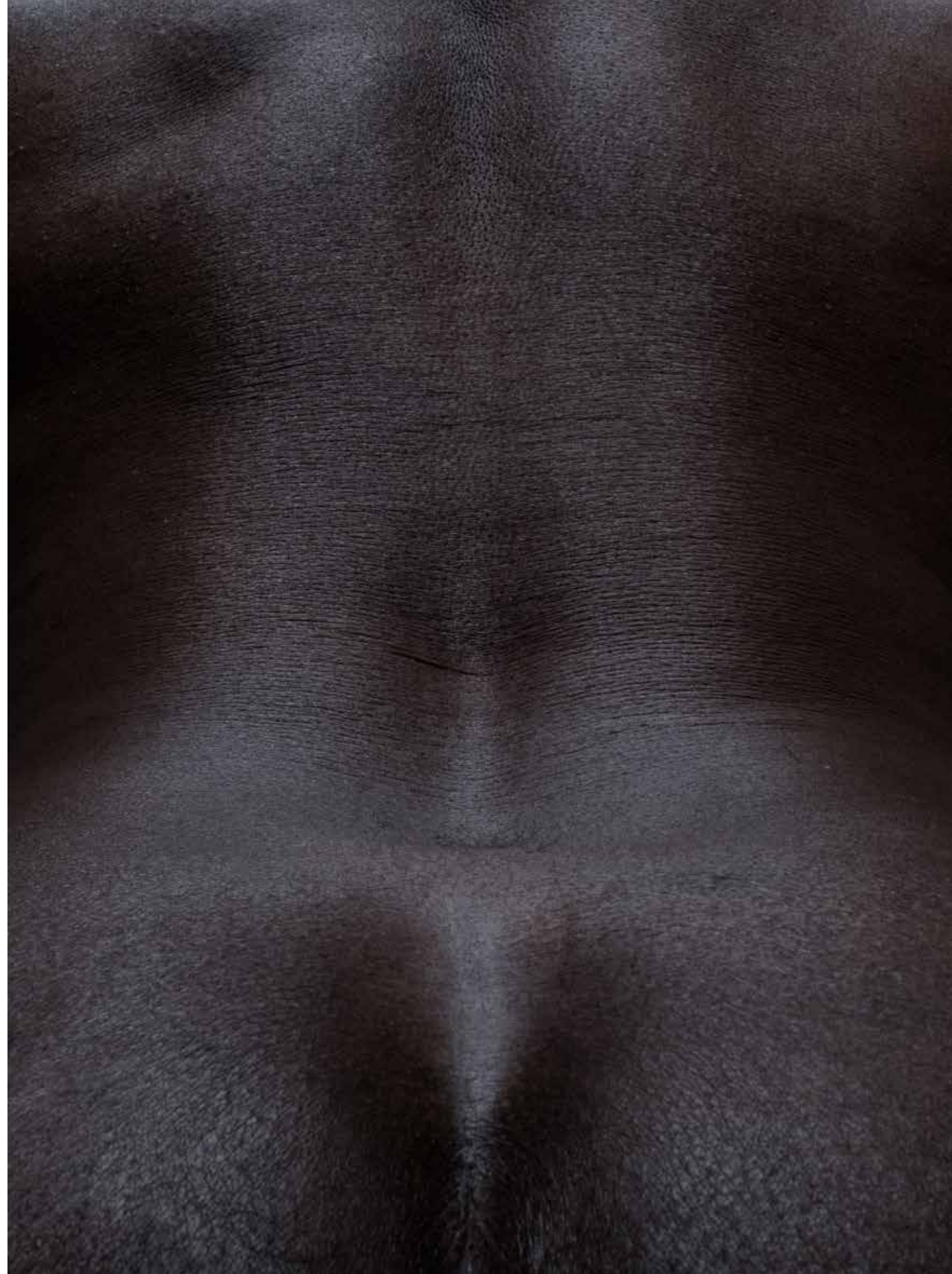




Em razão do machismo que objetifica o corpo da mulher e que reduziu quase que exclusivamente aos homens o reconhecimento como artistas até muito pouco tempo, acredita que é importante naturalizar a nudez masculina, ou seja, encontrar beleza no falo sem desviar o olhar, entendê-lo como forma e volume em seus estados relaxado e ereto, sem negar sua carga sexual e nem se restringir ao universo homoerótico. No entanto, sabe que o falocentrismo pode sim “roubar a cena” de uma imagem, fazendo com que outros aspectos sejam ignorados. Portanto, entende que a ausência do falo ou uma sugestão de sua presença podem, muitas vezes, ser mais interessantes na construção de uma imagem.



Acima, o diálogo entre corpo masculino e arquitetura. Ao lado, o falo no recorte inicial da imagem.



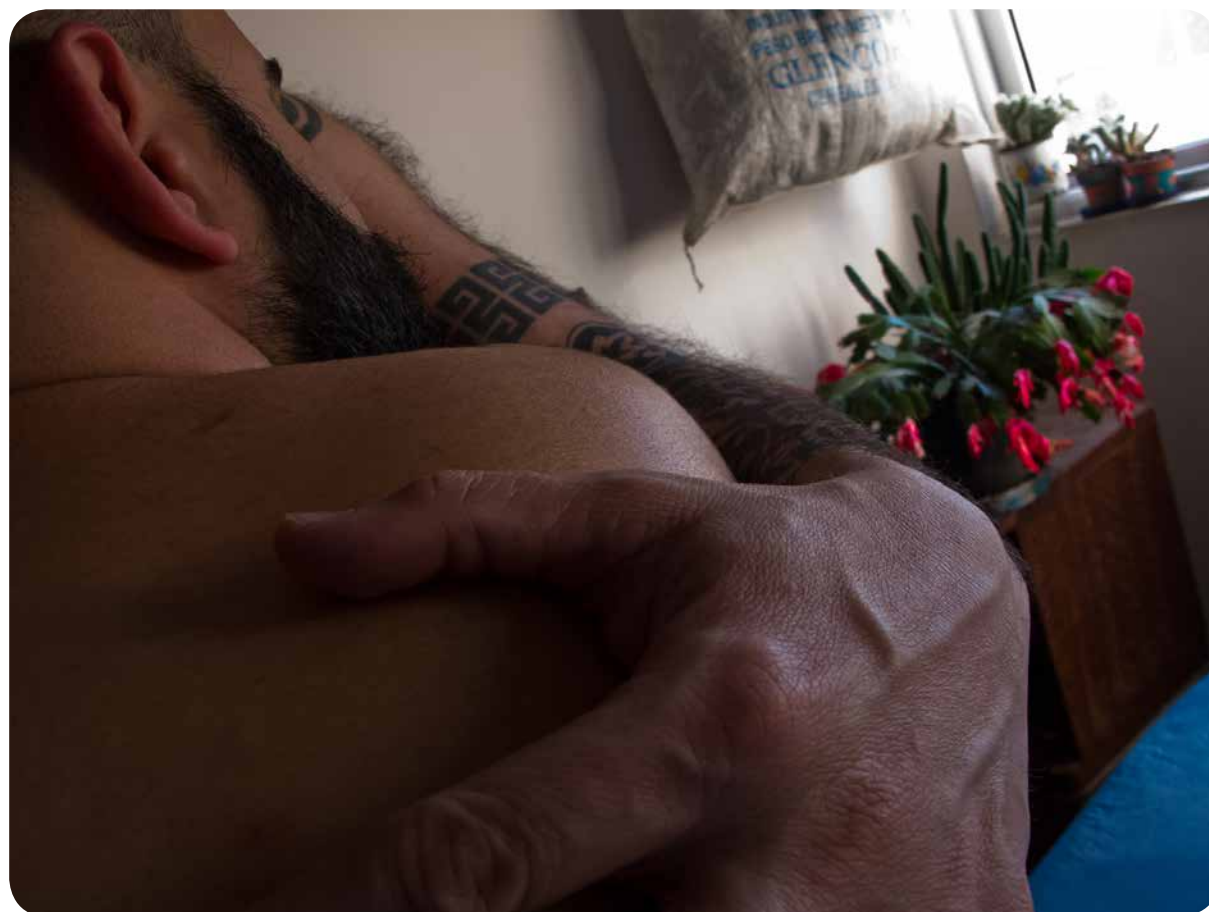
Em meio a questionamentos e práticas que reformulam esses valores, Leandro mantém o discurso da construção de forma coletiva. Para ele, o compartilhamento de ideias retira o processo de criação de seu percurso solitário e amplia suas possibilidades de impulso-namento. Ao conhecer outros artistas e refletir sobre suas práticas, reconhece que tem muito a aprender e, com isso, não se fecha em si:

Corpo de Quinta é um encontro de net-working artístico que acontece no estúdio NU na primeira quinta-feira de cada mês, voltado para artistas de todas as áreas cujo trabalho relaciona-se ao Corpo.



Nesse sentido, sou bem grato por participar da organização do Corpo de Quinta, espaço que tem como objetivo justamente propiciar o encontro e a troca entre artistas que tem o corpo como tema e/ou meio de expressão. Eu me considero com um artista em construção, que, até o momento, só tomou consciência que está numa busca, e que está descobrindo sua linguagem, sua identidade. Ainda tenho muito a aprender e experimentar, e espero que esse desejo de aprender continue sempre a me mover. 8=D

22



FOTOGRAFE
CONTRATE
OBSERVE
DESENHE
ESTUDE
SEJA
MODELO VIVO

www.escolademodelovivo.com

CASA CORPO²

ESCOLA DE MODELO VIVO

ARTE & REFERÊNCIA



Roger Rosen

Foto: Charles Thomas Rogers

A resposta de Roger para a pergunta sobre quando ele se reconheceu como artista foi curta e direta: “Sempre”. Bem semelhante aos haikus - estilo de poesia japonesa de três versos com um corte específico - que costuma escrever. E ao falar de sua arte, ele vai além de sua produção:

Minha arte está presente em todos os segmentos da minha vida. Minha arte está até mesmo nas conversas privadas que tenho no trabalho e nas festas. Minha arte é o fato de que estou constantemente aprendendo. Minhas inspirações estão por toda parte. Eu acho inspiração nos outros, em ativistas, em artistas, nos destemidos, nos pensadores criativos. Pessoas conhecidas e desconhecidas. Eles me inspiram a ser melhor, para criar mais, para questionar tudo. Eu acho inspiração no mais ínfimo dos momentos privados, no diálogo com os outros, tanto na real quanto no virtual.





26

Acima: *Black box tyranny? / Maybe black box seduction? / A little of both?* (Tiranía na caixa preta? Talvez sedução da caixa preta? Um pouco dos dois?)

Abaixo: *Furry and blurry, / Hands and mouth in a fury. / Inhale. No hurry.* (Peludo e embaçado, mãos e boca em fúria. Respire. Sem pressa.)



E isso se mostra também em sua trajetória de vida. Nascido em 1972, graduou-se em Belas Artes e Atuação na Tisch School of the Arts em Nova York. Por 15 anos trabalhou em teatro musical como dançarino, o que o levou não só a Broadway, mas a conhecer todo os EUA e fazer um tour pela Europa. Depois que parou de atuar, focou-se em escrever e decidiu fazer mestrado em arte com pesquisa sobre história e teoria de gênero.

Nesse ponto a raiva o dominou. A cada leitura, a cada aprendizado, foi ficando mais furioso com a forma que a comunidade queer é tratada. Ele diz: “a raiva pode destruir ou criar, então, como não entendo a destruição, eu crio e me conecto ao mundo.” Suas postagens em mídias sociais se tornam uma performance, assim como suas fotos de celular viram arte. Seu corpo vira plataforma para celebrar, experimentar e questionar o que é ser gay nessa sociedade ainda carregada de homofobia.

Mesmo se interessando por toda representação artística do corpo masculino, Roger sabe que ainda há muita vergonha associada à nudez e até já se arrependeu de ter pedido para um fotógrafo não registrar seu nu frontal. No entanto, foi na nudez que percebeu a igualdade:

Eu não acho que meu corpo deveria estar nu: acho que TODOS os corpos deveriam estar nus. São coisas maravilhosas e gloriosas que abrigam nossos espíritos e nossas almas por um tempo. Eles vêm em tantas variações. Alguns corpos se destacam em certas coisas que os outros não conseguem ou não conseguem, possuem pontos fortes e vulnerabilidades.

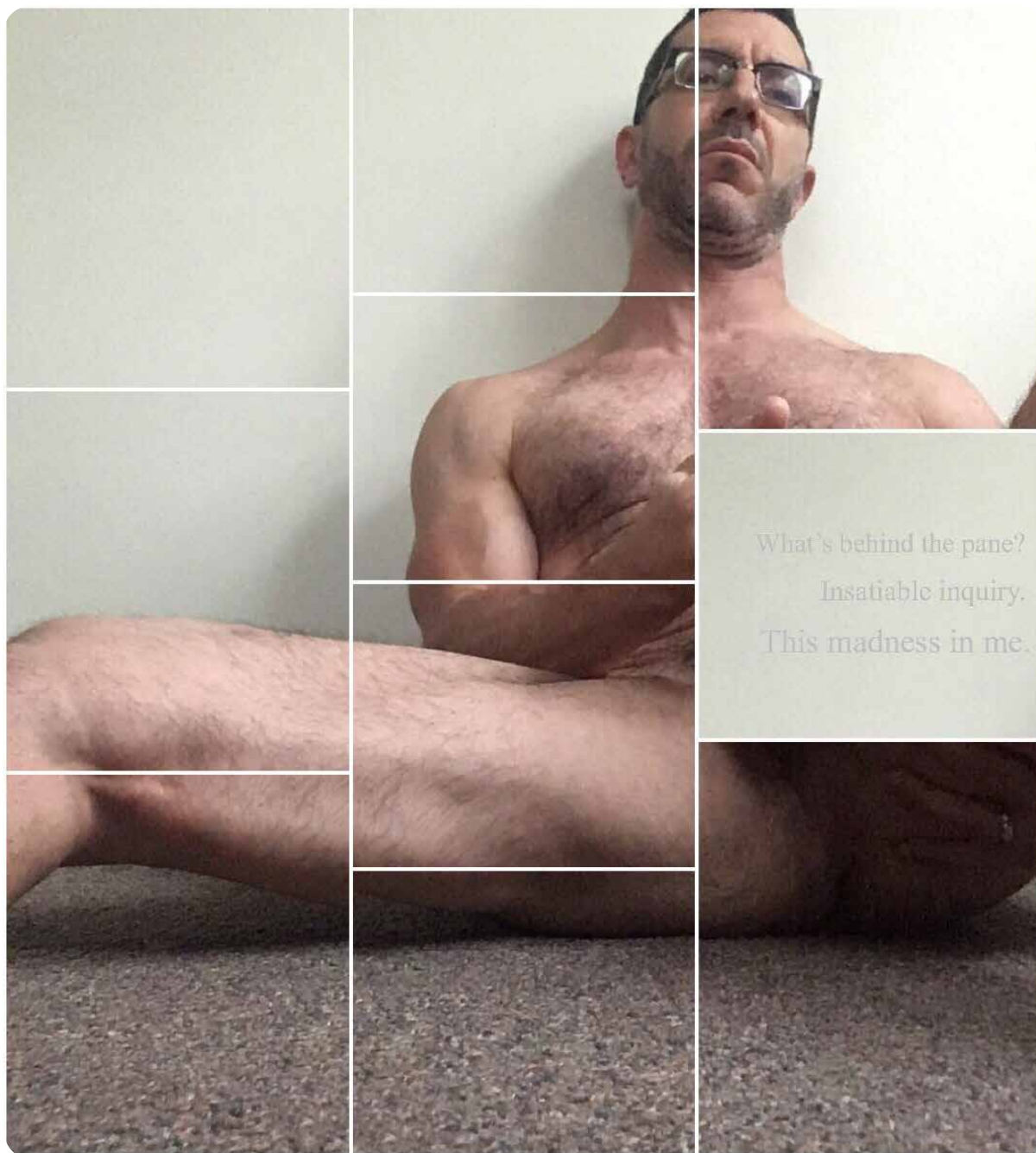


They weren't talking

About camera angles

When they said “low art”?

Eles não estavam falando sobre ângulos de câmera quando disseram “arte baixa”?



What's behind the pane? / Insatiable inquiry. / This madness in me.
(O que há atrás do painel?
Questionamento insaciável. /
Essa loucura em mim.)

A obra acima foi bloqueada nas
redes sociais e gerou outras, que
você vê na página seguinte.

The gay male body / Beautiful exploration. / Clearly queering gaze.
(O corpo masculino gay / Bela exploração. / Claramente um olhar queer.)

Sexual impulse. / Good or bad, depending on / Whose impulse it is.
(Impulso sexual. Bom ou ruim, dependendo de quem é o impulso.)

Scared of your own thoughts. / I merely posted a pic. / You wrote the story.
(Com medo de seus próprios pensamentos. Eu simplesmente postei uma foto.
Você escreveu a história.)

Eyes with fantasy, / Are glorious sex organs. / Shall we ban them, too?
(Olhos com fantasia, são órgãos sexuais gloriosos. Vamos bani-los, também?)

Which part incites you, / Invite you and excite you? / Please elaborate.
(Qual parte te incita, te convida e te excita? Por favor elabore.)



The gay male body.

Beautiful exploration.

Clearly queering gaze.

Sexual impulse.

Good or bad, depending on

Whose impulse it is.



Scared of your own thoughts.

I merely posted a pic.

You wrote the story.



Eyes with fantasy,

Are glorious sex organs

Shall we ban them, too?



Which parts incite you,

Invite you and excite you?

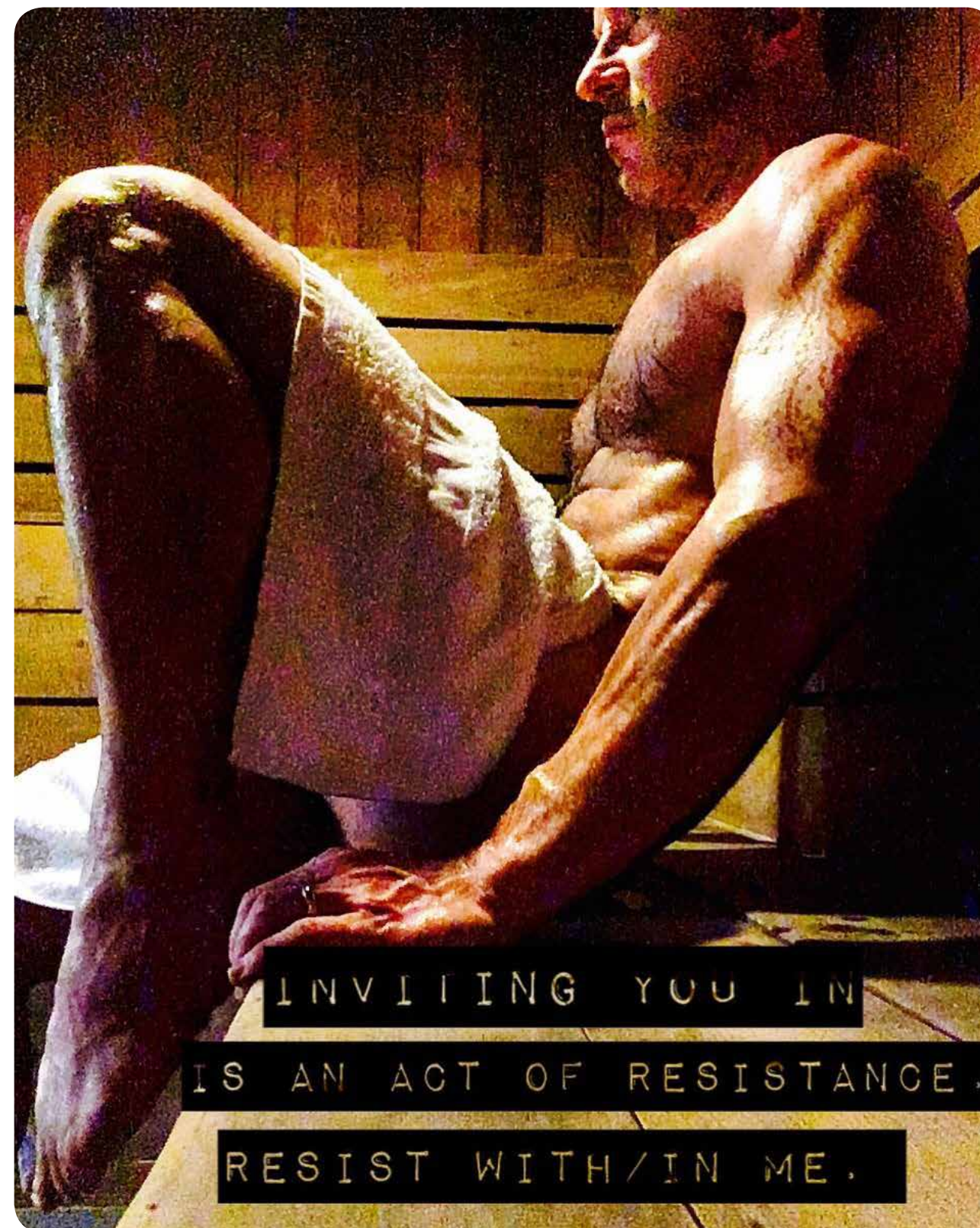
Please

elaborate.

Seu mercúrio vaza dos meus bolsos alcalinos. Loucura da gota de prata.



30



31

Convidar você é um ato de resistência. Resista com/em mim.



32

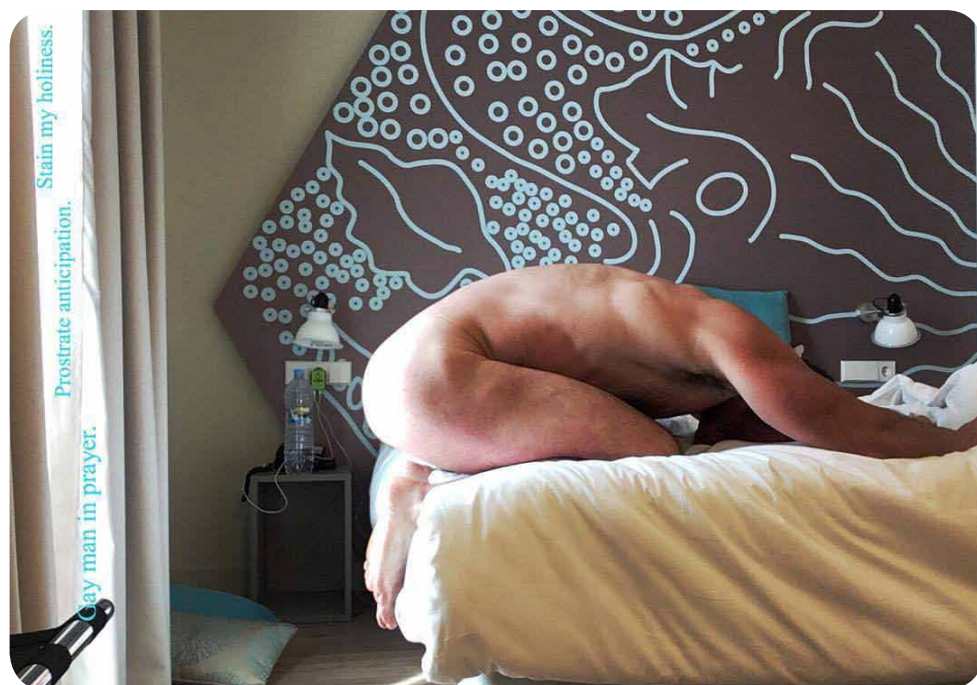
Acima: *Reaching beyond night, / past slivered and edgeless dreams / Becoming the day.* (Alcançando além da noite, passado lascado e sonhos sem bordas se tornando o dia.)

Abaixo: *Gay man in prayer. / Prostrate anticipation. / Stain my holiness.* (Gay homem em oração. Prostração antecipada. Mancha minha santidade.).

Explorar a sensualidade e sexualidade do corpo queer permite que Roger reflita sobre suas próprias questões em diversas interseções que o levam para novos lugares. Cada descoberta aumenta o número de possibilidades e de diferentes reações. Algumas pessoas o olham como um puro narcisista e reportam suas postagens para serem retiradas das redes sociais, enquanto outros enxergam o humor e a força de suas mensagens.

Essa é a coisa incrível e assustadora sobre criar algo. Você não pode prever como as pessoas reagirão. Elas agem com base em sua própria história e perspectiva, em sua própria base de conhecimento.

No momento, Roger está escrevendo um show autobiográfico sobre sua vida queer ao mesmo tempo que está terminando seu livro de haikus e testando os aplicativos de encontros para divulgar suas imagens políticas. Mas não é possível prever que caminho ele seguirá: a única certeza é que ele continuará questionando a sexualidade, a comunidade queer, sua arte e a si mesmo. Sempre. **8=D**



Falo de História

Keith Haring

1958 - 1990

Keith Haring, contato fotográfico de Annie Leibovitz.



Keith Haring (1958-1990) foi um artista gráfico e ativista social norte-americano, considerado um ícone da *street art* e da cultura underground de Nova York na década de 1980.

Nasceu na Pensilvânia, Estados Unidos, numa família de classe média e seu interesse pela arte apareceu bem cedo por conta de seu pai, um engenheiro e cartunista amador, e dos cartoons clássicos de Walt Disney, Charles Schulz e Dr. Seuss. Após a conclusão do ensino médio, em 1976, Keith se matriculou em uma escola de design gráfico em Pittsburgh, porém, não mostrou interesse por esse direcionamento comercial e preferiu estudar de forma independente. Conheceu, então, o trabalho de dois artistas que o levaram a pensar uma linguagem visual em maiores proporções: o belga Pierre Alechinsky e o búlgaro Christo. De Alechinsky, Keith ganhou a confiança para criar imagens mais caligráficas, enquanto Christo lhe fez enxergar as possibilidades de envolver o grande público em sua arte.

Em 1978, fez sua primeira exposição individual no Centro de Artes e Ofícios de Pittsburgh. Nesse mesmo ano mudou-se para Nova York e entrou para a *School of Visual Arts*, onde os grafites espalhados pela cidade e o estudo da semiótica tiveram um impacto profundo em seu processo criativo. Não lhe fazia sentido a ser um artista de estúdio para apresentar os trabalhos no circuito fechado das galerias. Com a ideia subversiva de que a arte é para todos, desafiou-se a usar o espaço da rua, onde todos passam e podem ver. Em 1980, começou a fazer desenhos com giz branco nos painéis pretos vazios reservados para publicidade nas estações do metrô de Nova York.

Desenvolveu um vocabulário próprio, que seguia alguns preceitos estabelecidos pela Pop Art de Warhol, Liechtenstein e Rauschenberg na década de 1960. Usava linhas grossas, continuadas e simplificadas, porém extremamente intuitivas, formando silhuetas desprovidas de detalhes. Suas figuras eram arrojadas e dinâmicas e entretinham os espectadores, como o “Barking Dog” e o “Radiant Baby”. Alguns críticos diziam que Keith modernizou a pintura rupestre, tirando-a da caverna para o subsolo urbano e oferecendo um meio de expressão à geração mais jovem. Rapidamente seus discos voadores, pessoas interligadas ou com furos e outros desenhos misteriosos foram ganhando notoriedade, uma vez que alguns o viam criar suas obras ou, então, sendo preso por isso.

A variedade de pessoas que viam o trabalho trazia consigo uma variedade de respostas, diferentes ideias sobre o que eu estava fazendo. Então, o metrô se tornou o ambiente perfeito, um laboratório, para o trabalho que eu vinha desenvolvendo. Os discos voadores, as pirâmides... foram se tornando um vocabulário de arquétipos universais. Eu estava tentando usar imagens que perpassavam todas as culturas da história. (Documentário de 1989)

Autorretrato em homenagem a Liechtenstein, o “Barking Dog” e o “Radiant Baby”.





Acima: *Glory Hole*, acrílica sobre tela, 1980.
Abaixo: *Autorretrato com Juan*, acrílica sobre tela, 1988.



Em 1981, Keith Haring realizou sua primeira exposição individual em Nova York e, no ano seguinte, fez sua grande estreia em uma galeria no Soho. Em pouco tempo já era amigo de Warhol e Basquiat, e participava de exposições e performances no vanguardista Club 57 com grande repercussão midiática. Entre os conceitos mais abordados pelo artista estavam o nascimento, a morte, a guerra e a sexualidade (principalmente a homossexualidade e a prostituição). A substituição do alto astral positivo do início de sua produção para obras de forte apelo político dentro desses temas polêmicos transformaram-no em um dos mais celebrados e controversos artistas da época.

Quando comecei a entender como eu estava me comunicando, fiquei mais consciente do que exatamente eu estava falando e deixei de fazer somente ilustrações com características abstratas para tentar guiar as pessoas a enxergar determinadas coisas relacionadas à sociedade.



Seu reconhecimento internacional veio com a exposição no *Documenta 7*, em Kassel, na Alemanha (1982), a Bienal de São Paulo (1983), a Bienal do Whitney Museum de Nova York (1983), e a pintura do Muro de Berlim do lado ocidental em 1986. Nessas viagens internacionais, Keith entrou em contato com outras culturas e percebeu a universalidade em sua linguagem artística ao ver obras africanas e aborígenes.

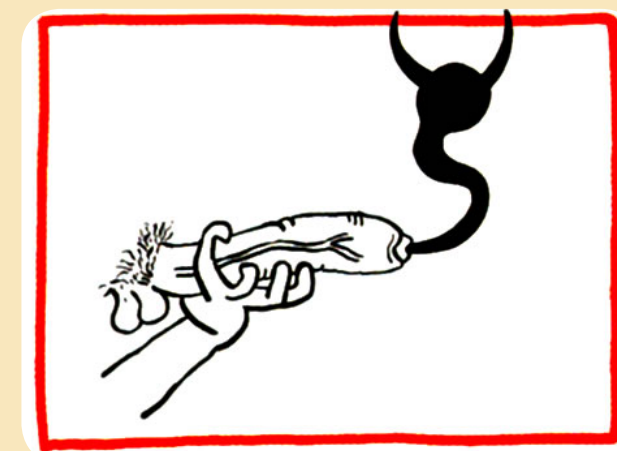
Criou também painéis luminosos em Times Square, cenários de peças de teatro, campanhas publicitárias (para vodka Absolut, por exemplo) e desenvolveu uma série de produtos baseados em sua arte (como relógios para Swatch). Em 1986, abriu a *Haring's Pop Shop*, uma loja onde vendia brinquedos, camisetas, broches, canecas e vários objetos com sua arte aplicada, entendendo que o direcionamento comercial que abandonara em seu início de carreira era, na verdade, um potencializador de alcance de suas mensagens artísticas.



Eu precisava seguir o caminho que a minha arte seguiu: tornar-se parte da cultura de massa ao invés de retornar ao mundo fechado da Arte de onde eu saí desde o início. (Documentário de 1989)



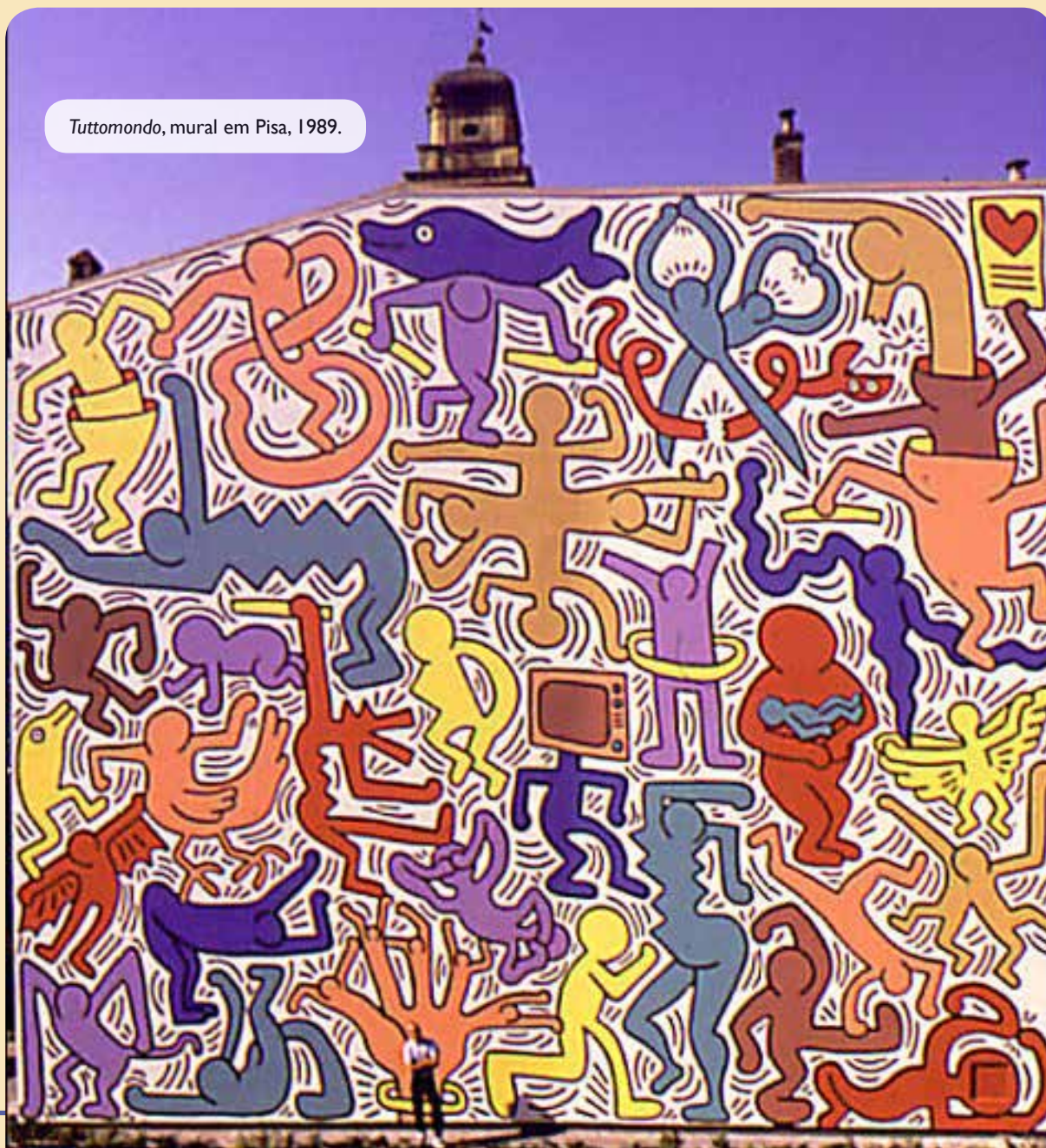
Ao longo de sua carreira, dedicou grande parte de seu tempo à elaboração de obras públicas – fossem murais ou esculturas –, que muitas vezes transmitiam mensagens sociais em prol de instituições de caridade, hospitais, creches e orfanatos. Em 1988, em entrevista à revista *Rolling Stone*, Keith declarou que possuía o vírus HIV. Em seguida criou o *Keith Haring Foundation*, com o objetivo de apoiar as crianças vítimas da AIDS. Em 1989, Keith fez um de seus últimos trabalhos, um mural intitulado *Tuttomundo*, dedicado à paz e a harmonia do mundo, instalado na parede sul da igreja de St. Anthony, em Pisa, na Itália.



Todas as coisas que você faz são uma espécie de busca pela imortalidade. Porque você está fazendo essas coisas que você sabe que têm um tipo diferente de vida. Eles não dependem de respirar, então eles duram mais do que qualquer um de nós. O que é uma ideia interessante, é uma espécie de extensão da sua vida até certo ponto. Uma ideia mais holística e básica de querer incorporar [arte] em todas as partes da vida, menos como um exercício egoísta e mais natural de alguma forma. Eu não sei explicar exatamente isso. Tirando o pedestal. Eu estou dando de volta para as pessoas, eu acho. (Entrevista de 1988 na Columbia University)

Faleceu em Nova York, cidade que escolheu e o consagrou, aos 31 anos em decorrência de complicações relacionadas ao HIV. 8=D

Tuttomondo, mural em Pisa, 1989.



Cactus carnívoros (série Miscigenação Peniana)
obra em aço inoxidável, seixo rolado e látex de Marcos Rossetton, 2017.

Tu me pedes paciência. Eu digo: calma, gato! O tamanho da minha paciência não é do tamanho do que tens aí, quente, leve como pena, duro como tábua, pronto pra me engolir inteiro - ou seria o contrário? Mas, faceiro, você chega e vai deitando seus lábios por entre os meus. Não os lábios de cima, aqueles, lá de baixo, pregueados, prontos para transformarem-se em paraíso dos que os desejam, dilatados e prontos para receberem o mastro sagrado que ostentas aí... Eu digo que terei paciência, desde que você venha desapegado de tudo: de sua virilidade, do seu instinto, da sua pressa em fazer, da minha carne, a sua, deglutindo-me por inteiro. Não passa um minuto e já sinto os seus pelos grossos triscarem em meu anel de carne, uma língua sedenta e quente entrando e saindo, provocando gemidos torpes e fazendo meus cabelos das pernas e braços arrepiarem-se por completo. No vai e vem da sua língua, ela sai como quem não quer nada e avança até a minha costura, aquela região que se direciona para onde está localizado o meu caule, já duro e babão. Meu corpo inteiro fibrila com sua boca me tirando do sério, língua em brasa passeando em minhas dobras e beijando minha virilha... meu anelzinho, aquele que você beijou inda pouco, se contrai como louco, involuntariamente, pedindo para ser preenchido pelo mais longo e grosso dos tocos. Você acena pra mim e pergunta se quero. Eu sequer respondo: só pisco o olho e passo meus dedos por sua barba de fios impenetráveis. Você arqueia meu corpo, olha profundo nos meus olhos, eu gamo seu corpo suado, queimado pelo sol, portando um amarelo-quase-cenoura de tão bronzeado, dividido e enfático quanto a seus desejos. E recebo, de mansinho, a cabeça de seu mastro invadindo-me. Milímetro a milímetro minhas carnes são devassadas pela sua fúria paciente e cheia de melodia, enquanto me beijas e me acaricias, fazendo com que a tensão fuja momentaneamente. Você me beija de súbito e eu digo: entre, pode entrar mais, faça morada dentro de mim. Você acelera o passo. Parece um martelo rompe-tormentas indo e vindo em meu baixo ventre, levando-me ao delírio, acabando com o que restava de dignidade em meu aro, forçando meu pequeno anel a dilatar-se e contrair-se em velocidade ensurdecadora, só para lhe receber.



Um estampido se ouviu a quilômetros... você gozou, gemeu, gritou. Eu, instantâneo, gozei, gemi, gritei. Recuperados, de pé, estendes a mão pelas minhas costas e massageias a minha nuca com carinho. Ao pé do ouvido, sua barba roça e você diz: quando posso entrar de novo?

Erotismo proibido nos lábios

No livro *Erotismo proibido nos lábios – em palavras* (2001), a artista multimeios Silvana Leal escreveu quatro poesias tendo o falo como tema.

CENAS DE UM FALO FALANTE - I

Falo falava forte
Forte falo falava
Falava forte falo

Pelo falo falaram
Acúmulos de séculos

CENAS DE UM FALO FALANTE - II

O falo mudo
nada
sabia falar

CENAS DE UM FALO FALANTE - III

O falo nadava no nada
Nada de novo o falo falava

DE FATO FALO

De fato
Quando o falo
Fala só
Nada fala
A outra fala

Somente a falha
De ignorar
Infundáveis falas
Fala o falo

Pois
Se o falo engole
A outra fala
De fato
O falo nada
Fala

SILVANA LEAL tem principalmente a fotografia, a literatura e a performance como suportes de trabalho. É diretora do Ateliê Casa das Ideias, na qual coordena projetos culturais, desenvolve trabalhos de criação e curadoria para diversos artistas.



A ARTE DE SER ESPECIAL · A ARTE DE SER BELO

REVISTA DE ARTE GAY ONLINE

PARA ARTISTAS E AMANTES DA ARTE

**noisy
rain**
gay art magazine

WWW.NOISYRAIN.COM

FAROCAMPSE

A história da camisinha

por André Guimarães

Envoltório de papel de seda untado com óleo; protetores de pênis confeccionados em linho e intestinos de animais; luva de vênus; bainha de tecido leve; tripas de animais; camisinha (condom); ceco de carneiro; preservativo; sobretudo inglês; camisa de vênus; preservativos de borracha; camisinhas de látex. Estes foram alguns dos nomes e materiais utilizados desde 1850 a.C. para proteger o pênis contra galhos, picadas de insetos, doenças sexualmente transmissíveis (DST) – hoje infecções sexualmente transmissíveis (IST) –, AIDS, e utilizado principalmente como método contraceptivo.

A utilização de preservativos na Antiguidade é ainda objeto de debate entre arqueólogos e historiadores. Sabe-se que no Egito Antigo, as mulheres utilizavam fezes de crocodilo, gomas e uma mistura de mel e bicarbonato de sódio na vagina como método contraceptivo. Já os homens cobriam seus órgãos contra galhos e picadas de insetos durante as caçadas com protetores confeccionados em linho ou a partir de intestinos de animais, sem qualquer função contraceptiva.

Na Ásia anterior ao século XV, entre as classes superiores, há registros do uso de preservativos com o intuito contraceptivo que apenas cobriam a glândula do pênis. Na China, é provável que esses preservativos tenham sido fabricados em papel de seda oleado ou a partir de intestino de cordeiro.



Papiro egípcio mostrando preparo peniano.

52

O MITO DA CAMISINHA

A mitologia grega apresentou a ideia da camisinha. O rei Minos, filho de Zeus e Europa, era conhecido por suas inúmeras amantes. Por obra de sua esposa Pasiphae, Minos passou a ejacular serpentes, escorpiões e lacraias, que matavam todas aquelas que se deitassem com o soberano. Somente ela era imune ao feitiço, mas este tornou o rei incapaz de ter filhos.

Minos, no entanto, se apaixonou por Procris. Para evitar que a relação com Minos lhe trouxesse a morte, Procris introduziu em sua vagina uma bexiga de cabra, onde os seres venenosos ficaram aprisionados.

No século XVI a Europa foi assolada por doenças sexualmente transmissíveis – conhecidas na época, e ainda hoje, como doenças venéreas, nome em referência às sacerdotisas dos templos de Vênus, que exerciam a prostituição como forma de culto à Deusa do Amor. Então, o anatomista e cirurgião Gabrielle Fallopio confeccionou uma “bainha de tecido leve, sob medida, para proteção das doenças venéreas”, que era um forro de linho do tamanho da glândula, embebido em ervas e seguro no local através de um laço. Ele a denominou *De Morbo Gallico*, em um artigo escrito em 1564, enquanto Shakespeare a chamou de “luva de Vênus”. Já no final do século surgiram as soluções químicas precursoras dos espermicidas modernos, onde os preservativos passaram a ser embebidos e secos.

O uso de tripas de animais como preservativos aparece em dois episódios históricos. Entre os anos de 1630 e 1685, o rei Carlos II da Inglaterra tivera muitos filhos ilegítimos e, para evitar mais problemas na sucessão do trono, o médico

Página em latim do *De Morbo Gallico* (A doença francesa) descrevendo um dos primeiros usos da camisinha, 1564.

De Morbo Gallico.

52

uerucam, & mediam partem glandis exesit: sed quia ego dixi quod caries oritur per contagium. sciat is quod etiam oriri solet ratione hepatis transmittentis: dimittamus hanc secundam speciem loquamur de prima, atque quo iuuenis coeans cum infecta ab hac praeseruetur, & cariem non sentiat.

De praeservatione à carie Gallica. C A P. LXXXVIII.

Ego nihil fecisse uideor nisi doceam uos, quomodo quis uidens pulcherrimam sirenam, & coeans cum ea, etiam infecta, à carie, & lue Gallica praeseruetur. Ego semper fui huius sententiae, quod adsit ratio praecauendi, ne per contagium, huiusmodi ulcera oriantur: sed quae est ista ratio? Ego dixi quod nascitur caries haec per communicata corpuscula saniosa, quae imbibita poris glandis faciunt cariem, ideo opus est, ut statim saniem à glâde expurgemus, sed si imbibita sit in poris licet uino, lotio, uel aqua detergamus priapum, tamen eam detergere non possumus. & hoc saepe accidit in testis, & mollibus glandibus. Quomodo ergo agendum? semper fui istius sententiae, quod ponamus aliquod habens uim penetrandi corium, & dissipandae materiae, uel extrahendae, uel siccandae & uincendae natura sua. ideo inuestigavi hoc medicamentum. Sed quia oportet etiam Meretricum animos disponere, non licet nobiscum unguenta domo afferre. propterea ego inueni linteolum imbutum medicamento, quod potest commodè asportari, cum femoralia iam ita uasta feratis, ut totam apotecam uobiscum habere possitis: Quoties ergo quis coierit abluat (si potest) pudendum, uel panno detergat: postea habeat linteolum ad mensuram glandis praeparatum; demum cum coierit ponat supra glandem, & recurrat praeputium: si potest nare sputo, uel lotio bonum est, tamen non refert: si timetis, ne caries oriatur in medio canali, habeatis huius lintei inuolucrum, & in canali ponatis, ego feci experimentum in centum, & mille hominibus, & Deum testor immortalem nullum eorum infectum. Notate autem obiter, quod quaelibet species linteoli mundi tantam habet uim in praeservatione, ut nihil magis [ad dicit quod gossipium nouum, molle, fidibus bene concussum glandi optimè longe detergentibus, obuolutum mirum in modum praeseruat, & quum quis Gallicis scopulis lignum percussit post ablationem inspiciat: uidebit enim inuolucrum illud saniosum, aut citrino, aut pallido, uel subnigro colore infectum] ideo semper quis paruo linteolo obuoluit glandem per spatium quatuor, aut quinque horarum, & hoc non est molestum mulieribus: sed tamen praeparati lintei ratio est praestantissima. Praeparatur autem hoc modo.

Nota de praeservatione.

lino n. v. in uino.

Linteolū mundum. Gossipiū.

Praeparatio lintei.

53



54

A amante cautelosa, litografia de Octave Tassaert, 1860.

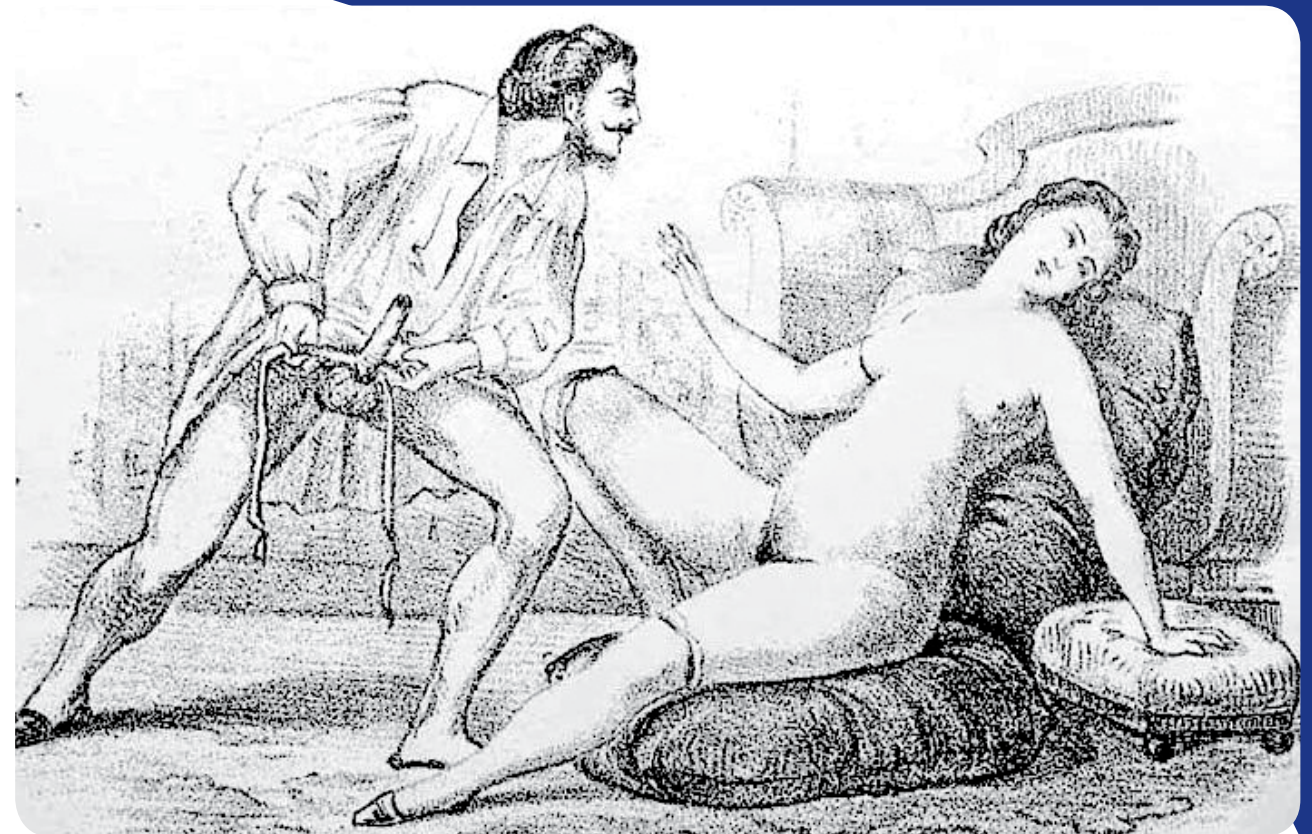
inglês Condom criou um protetor de pênis feito com tripas de animais, acabando por batizar o preservativo (*condom*, é a tradução de camisinha em inglês). No século seguinte, final da Guerra de Sucessão Espanhola, líderes das principais nações europeias reuniram-se na cidade de Utrecht para celebrar com as donzelas locais. Para evitar as doenças venéreas, solicitaram que um artesão local utilizassem ceco de carneiro para fazer uma bainha anatômica ao pênis.

O termo “preservativo” apareceu pela primeira vez nos anúncios das casas de prostituição de Paris, em 1780: “Nesta casa fabricam-se preservativos de alta segurança, bandagens e artigos de higiene”. Ela foi logo substituída por uma expressão curiosa, *redingote anglaise*, que queria dizer “sobretudo inglês”.

Em 1839 Charles Goodyear descobriu o processo de vulcanização da borracha crua, ou seja,



Camisinhas de vísceras de animais



Homem amarra sua camisinha em ilustração do séc. XVIII.

55

sua transformação em uma estrutura elástica resistente. Os primeiros preservativos de borracha eram grossos e caros, porém, eram reutilizados diversas vezes após lavagem, até que a borracha arrebentasse. A evolução surgiu com as camisinhas de látex a partir de 1880. Em 1901, a primeira camisinha com reservatório para o esperma apareceu nos Estados Unidos, no entanto, adquiriram popularidade apenas a partir da década de 1930.

Nas décadas seguintes, com o avanço das pesquisas farmacológicas e o surgimento da pílula anticoncepcional, a camisinha foi caindo em desuso como método contraceptivo. Mas o aparecimento da AIDS, na década de 1980, mudou para sempre a mentalidade mundial e a sexualidade humana, já que uma das formas de contaminação pelo vírus HIV, causador da doença, dá-se por meio do contato sexual. Até então, sexo seguro era uma questão tratada com reservas e pudor pela saúde pública. Dentro desse novo contexto, falar sobre sexo sem proteção (independentemente da escolha de cada um) e promiscuidade virou uma obrigação dos profissionais da saúde, dos educadores e dos pais.



Camisinha de borracha vulcanizada.

A camisinha passou ser a grande arma – ainda hoje é – e voltou a ser comercializada em grande escala. Ela é a única capaz de reunir tanto o método contraceptivo quanto a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, respeitando a escolha e os desejos sexuais de cada um. Desse modo, permite relacionamentos sexuais seguros e minimiza o efeito da exposição a fatores de risco sofridos por um dos parceiros. Estima-se que hoje mais de cinco bilhões de camisinhas são consumidas anualmente. As apresentações também se diversificaram: há camisinhas de tamanhos, espessuras e cores diferentes, com aromas, sabores e texturas para potencializar o ato. Em alguns casos de ejaculação precoce, a camisinha pode até ser utilizada com sucesso para aumentar o tempo de ejaculação.

A *AIDS Healthcare Foundation* (AHF) é uma ONG internacional que apoia o tratamento de 1 milhão de pessoas com HIV ou ISTs em 41 países. Atua no Brasil desde 2015 na defesa dos direitos humanos e em projetos de prevenção, testagem e tratamento do HIV/AIDS, em parceria com a sociedade civil e o poder público em São Paulo, Recife, Manaus, Parintins e Rio de Janeiro. Uma de suas estratégias é a distribuição de camisinhas em eventos de grande porte como o Carnaval e as Paradas do Orgulho LGBTI, ou eventos pontuais como shows e festas. **8=D**



FALOCAMPSE é o nome que se dá à curvatura do pênis, quando em ereção. A coluna leva esse nome na ideia de trazer assuntos que tangenciam a nudez masculina na Arte.

TOUR GORDON

NY SIGHTSEEING TRANSFER PHOTOGRAPHY VIDEO

We truly LOVE what WE do and WE want to serve YOU whenever YOU want.

www.tourgordon.com

tourgordon212@gmail.com

+1 551 221-0341



Mehmet



estudionu.com.br

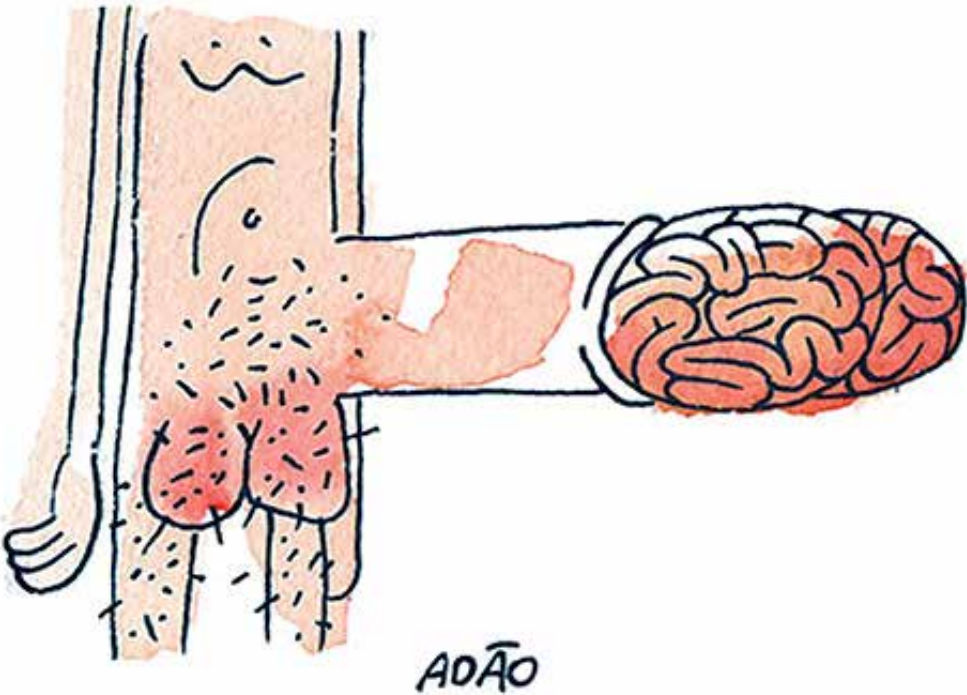
📷 @estudio.nu

estúdio

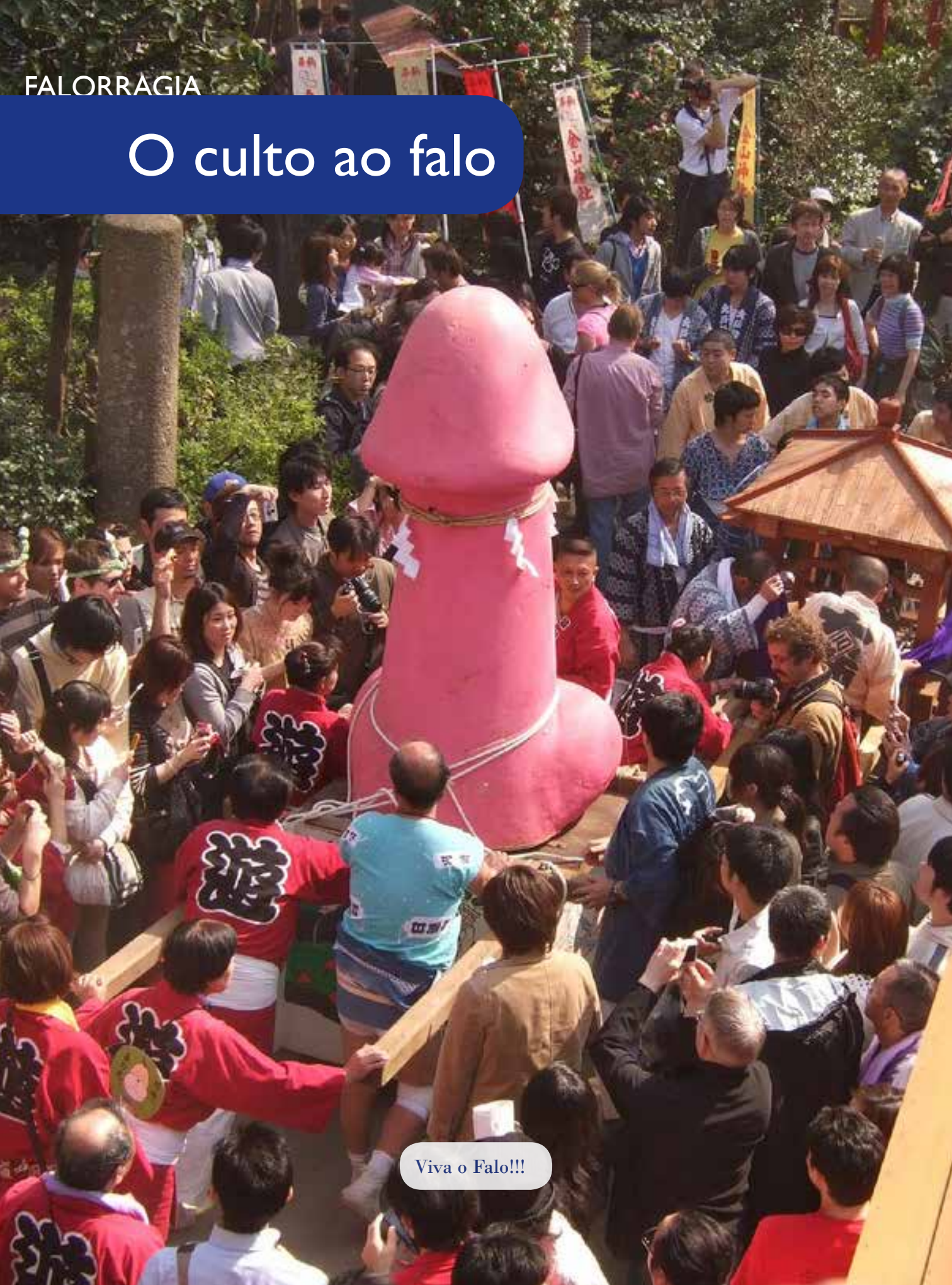


FOTOGRAFIA PROFISSIONAL FILMAGENS
LOCAÇÃO CINEMATOGRAFICA COZINHA-ESTÚDIO
EVENTOS POCKET-SHOWS PERFORMANCES
EXPOSIÇÕES FESTAS RECEPÇÕES
AULAS WORKSHOPS ENSAIOS ABERTURAS

O ÓRGÃO SEXUAL MAIS
IMPORTANTE É O CÉREBRO!



O culto ao falo



Viva o Falo!!!

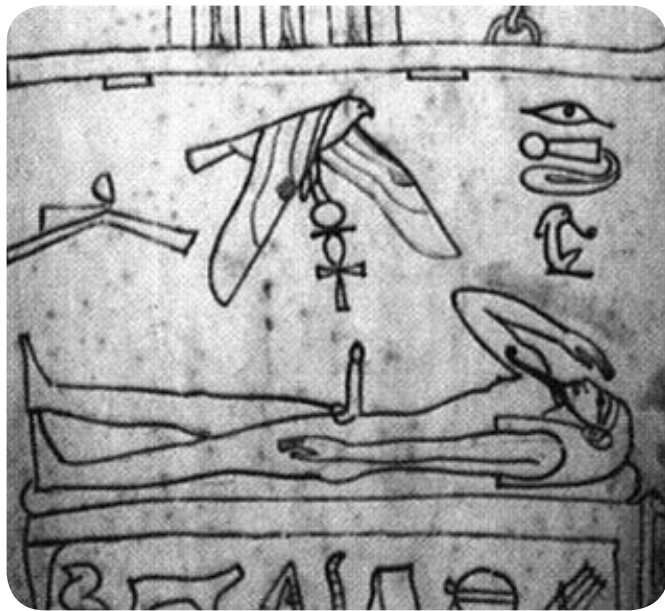
Durante milênios, a participação do homem na procriação foi ignorada. A fertilidade era considerada característica exclusivamente feminina. Acreditava-se que a vida começava nas águas, nas pedras, nas árvores ou nas grutas, antes de serem introduzidas por um sopro no ventre de sua mãe humana. Mas, quando o homem começou a domesticar os animais, entendeu sua importância para a procriação. A partir daí houve uma ruptura na história da humanidade: o homem foi transformado no fertilizador da terra, controlador da Natureza, enquanto a mulher apenas carregava a vida colocada nela. Começava assim a construção das sociedades falocêntricas, onde o pênis se tornou objeto natural de adoração e fé religiosa.

O fenômeno do falicismo (culto ao falo) se espalhou por todo o mundo antigo. Algumas civilizações colocavam imagens de pênis sobre tumbas, acreditando neles como força de renascimento. Em alguns templos dedicados a divindades fálicas, um pênis esculpido em madeira era visitado com tanta frequência por mulheres estérteis e esperançosas que se desgastava pelo manuseio (incluindo beijos, fricções e sucções a que era submetido). Para solucionar o problema, sacerdotes fabricavam um falo muito comprido, que emergia de um orifício. Quando a ponta se desgastava, eles, por trás da estátua, davam marteladas, empurrando um pouco o pênis.

O Antigo Egito celebrava o deus criador Min, deus da potência sexual masculina. Era homenageado durante os ritos de coroação, quando o faraó era esperado para semear a sua semente – geralmente se pensa ter sido sementes de alface egípcia, vegetal que os egípcios acreditavam ser um poderoso afrodisíaco por ser alto, retilínea e liberar uma substância leitosa quando friccionada, embora se acredite que o faraó era esperado para demonstrar que ele poderia ejacular – e assim garantir a inundação anual do Nilo. No início da época de colheita, uma imagem do deus de pele negra com o pênis ereto na mão era levada para fora do templo e levada para abençoar os campos, enquanto jogos nus eram realizados em sua homenagem. Muitas de suas estátuas e imagens foram destruídas com a chegada do Cristianismo.



Relevo do deus Min no Templo de Karnak, no Egito.



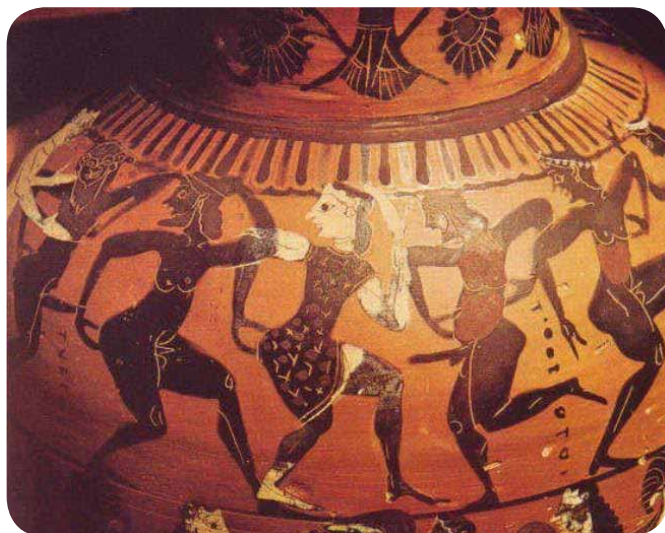
Ísis em forma de pom-
ba sobrevoa o falo de
Osíris com o *ankh*, sím-
bolo da vida.

Incansável, Ísis consegue recuperar todas as partes do corpo de seu marido, exceto o pênis (que algumas versões dizem que teria sido devorada por peixes). A deusa criou, então, um falo artificial com caules de vegetais (ou ouro) para substituir o faltante e realizou a primeira mumificação para que Osíris pudesse reinar no além-vida.

Aliás, a Fenícia adorava o sol como um falo. Os sacerdotes diziam que a sacralização do pênis veio após um javali ter ferido os genitais de Adônis (diferente de seu famoso homônimo grego) e este ter se curado rapidamente. Em Hierápolis (na Turquia), um grande templo solar dedicado à Apolo possuía dois obeliscos fálicos na entrada, onde os sacerdotes recebiam oferendas e rezavam orações.

Possivelmente trazidas por egípcios, celebrações de adoração ao falo tornaram-se comuns na Antiga Grécia. Chamadas de *falofórias*, celebrava-se a fertilidade da Natureza com homens espalhando seu sêmen pelos campos cultivados. Uma das mais antigas festas eram as Dionísias, celebrada em meados de dezembro em honra a Dioniso, deus do êxtase e do vinho, uma bebida na qual se acreditava dar inspiração aos homens para a poesia e a música e aliviar suas tensões cotidianas. A cerimônia central (*komos*) consistia numa alegre e barulhenta festa rural com máscaras de animais, danças e cantos obscenos ao redor de uma estátua fálica. Por fim, fazia-se um sacrifício de um touro ou um bode ao deus. Com o tempo, a

Ânfora com imagem de
falofória. (c. 560 a.C.)



Também no Egito, o falo do deus Osíris foi reverenciado como a força de ressurreição, do solo que faz a vegetação crescer e, posteriormente, o deus se tornou o inventor da agricultura e o propiciador da civilização. A lenda conta que Set, irmão de Osíris, o enganou para que ele fosse preso em um sarcófago e lançado no Nilo. Ísis, esposa do deus, parte desesperada em busca do marido e descobre que o sarcófago ficou incrustado em uma árvore na Fenícia, que havia sido cortada para fazer uma coluna em um palácio real. Ísis consegue recuperar o corpo de Osíris, mas Set descobre, esquarteja o irmão em vários pedaços e o espalha por todo o Egito.

cerimônia foi enriquecida com concursos de comédias e tragédias. Diz-se que as Dionísias tornaram-se urbanas, após uma estátua do deus ter sido rejeitada pelos atenienses. Dioniso, então, teria lançado uma praga que atacava os pênis (possivelmente alguma doença venérea) e só foi aplacada após a aceitação do culto ao deus. A partir desse momento, uma procissão passou a ser realizada por pessoas carregando amuletos fálicos.

Os familiares bacanais romanos eram celebrações ao deus Baco, sincretizado com Dioniso após a conquista da Grécia pelo Império Romano. Baco também foi ligado a Liber, deus itálico da fertilidade dos campos e da fecundidade dos animais representado por um *mutinus*, um falo ereto. Grandes estátuas fálicas eram colocadas nas plantações como forma de afugentar ladrões com a ameaça da irrumação, ou seja, caso houvesse roubo, o ladrão seria obrigado a praticar sexo oral no proprietário. A Liberália era o festival consagrado ao deus que marcava a passagem de um jovem romano à vida adulta. Na primeira fase do ritual, o efebo tinha sua genitália inspecionada, seu cabelo cortado e sua barba feita, antes de vestir a toga civilizatória. Em festivais à deusa Vênus, pais levavam suas filhas para se sentarem em um *mutinus* feito de figueira e, assim, evitar a esterilidade. Assim, nasceu a figa como símbolo de proteção: o polegar simbolizando o falo entre dois dedos que simbolizavam a vagina.



Quem aí pensou
que a figa seria
um gesto obsceno
de proteção?

Entre os povos nórdicos, encontrou-se – especialmente na Suécia – estátuas eróticas e amuletos relacionados a Frey, a divindade da prosperidade, das boas colheitas e da agricultura, dos casamentos e da fertilidade, da alegria e paz. Muito belo, Frey era representado com o falo à mostra como forma de soberania sobre os elfos de luz que cuidavam da vegetação.



O belo Frey e seu
falo iluminado

Na Índia, o pênis do deus supremo Shiva era uma representação da própria divindade, principalmente utilizado como um amuleto na tentativa de afugentar os maus espíritos ou qualquer outra praga decorrente de algum infortúnio ou encantamento. No entanto, é claro que também servia àqueles que buscavam a fecundidade e a felicidade sexual e, para isso, realiza-



O pênis de Shiva

vam rituais falicistas, para que ele fosse generoso e concedesse uma dádiva ou favor.

Os antigos siameses da Tailândia perdiam muitas crianças por falta de conhecimento médico, todavia, acreditavam em maus espíritos que estavam sempre prontos para tirar seus filhos antes que eles atingissem a idade adulta. Então, para enganar esses espíritos, faziam um entalhe de madeira na forma de um pênis circuncidado de adulto e o amarravam na cintura dos meninos de forma a ficar na frente do pênis incircunciso. Depois de adultos, alguns continuavam a carregar o amuleto no pescoço para manter a proteção. Templos chegaram a ser construídos. No século XVIII, o culto falicista tailandês começou a ser reduzido até sua extinção em meados do século XX. Hoje, é uma atração turística.

A celebração que perdura até hoje com grande exposição é o *Kanamara Matsuri*, um festival dedicado a uma divindade japonesa conhecida como “O Falo de Aço”, senhor da fertilidade, da sexualidade e da reprodução humana, que traz fartura e cura para a im-

potência e a esterilidade. Uma lenda conta que um demônio de dentes afiados se apaixonou por uma jovem e decidiu se esconder em sua vagina, castrando dois de seus pretendentes na noite de núpcias. A jovem buscou ajuda de um ferreiro, que resolveu forjar um falo de ferro para quebrar os dentes do demônio e expulsá-lo. É possível que o demônio seja uma representação de alguma doença venérea (assim como o ocorridos na lendas das Dionísias urbanas) e Kanamara, o nome do ferreiro. Prostitutas, então, passaram a rezar para um pênis de metal, pedindo sucesso em seus negócios e proteção contra doenças sexualmente transmissíveis.

O festival (*matsuri*, em japonês) ocorre anualmente desde 1969 na cidade japonesa de Kawasaki, província de Kanagawa, para celebrar a chegada da primavera, a estação da fertilidade, no primeiro domingo de abril. A atração princi-



O Falo de Aço



Amuletos siameses que eram amarrados nas cinturas dos meninos.



pal é uma procissão com três pênis gigantes (sendo um rosa e um negro), que são carregados em um *mikoshi* (andor) por mulheres e homens vestidos com roupas femininas até o templo construído há mais de 150 anos, no chamado Período Edo (1603-1867). Aproximadamente 10 mil pessoas entre locais e turistas se reúnem pedindo ajuda espiritual para ter prosperidade, filhos saudáveis e evitar desarmonia no casamento em torno de imagens enormes do órgão sexual masculino.

O Japão também tem, na cidade de Komaki, o *Honen Matsuri*, um festival da colheita que celebra a prosperidade com muito saquê e uma procissão ao redor de um grande falo de madeira. Hoje, além de vender todo o tipo de objeto com forma fálica – em doces, amuletos, ilustrações, vegetais etc. – para estimular a economia, o governo japonês aproveita esses eventos para fazer grandes campanhas contra o HIV.

Bora celebrar? **8=D**

Vai um nabo aí?





#PelxsNegrxs



#PelaLiberdade
DeEscolha



#PelaDemocracia



#PelasRaízes
Nordestinas



#PelaLiberdade



#PelaVisibilidade
LGBTQIA+



#PeloAmor



#PelaResistência



#PelaVida



#PeloRespeito
àsDiferenças



#PelaEsperança



#PelaPaz

FALO

falonart@gmail.com

